

Corpo e produção de identidades de meninas em uma Instituição de Acolhimento na cidade de Pelotas/RS

Cuerpo y producción de identidades de niñas en una Institución de

Acogida en la ciudad de Pelotas / RS

*Body and production of girls' identities in a Host Institution in the city of
Pelotas / RS*

Lóry da Silveira Ribeiro¹

Josiane Vian Domingues²

Resumo

Entendendo que os corpos estão sendo produzidos/educados em instituições de acolhimento, através das relações sociais e culturais que as crianças e adolescentes lá estabelecem, este trabalho apresenta como objetivo analisar as narrativas sobre corpo e produção de identidades de meninas em uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas – RS. Para tanto, foram utilizadas as narrativas produzidas pelas meninas moradoras da Casa das Meninas II. Esse trabalho foi construído a partir de uma abordagem dos Estudos Culturais, especificamente utilizando a produção de narrativas enquanto metodologia. Para isso, o grupo focal serviu como ferramenta para a produção dos dados. Enquanto análise, foi possível ponderar que as meninas que estão institucionalizadas, a todo instante trazem um corpo orgânico/ biológico, mas ao mesmo tempo com indícios que ele é produzido culturalmente, sobretudo, a partir de múltiplas identidades que o atravessam. Além disso, foi possível visualizar também que as meninas produzem os seus corpos a partir das mais variadas identidades, sobretudo em relação ao gênero, onde elas reconhecem os papéis atribuídos a homens e mulheres, entretanto, acabam, por vezes, borrando suas formas hegemônicas. Enfim, por mais que as meninas estejam o tempo inteiro sendo disciplinadas e controladas em suas rotinas diárias nesta instituição, isso não impede que esses corpos escapem e produzam outros sentidos, para além daqueles que são permitidos e institucionalizados.

Palavras-chave: Corpos, Identidades, Instituição de Acolhimento, Meninas.

Resumen

En el sentido de que los cuerpos están siendo producidos / educados en las instituciones de acogida, a través de las relaciones sociales y culturales que establecen, siendo diariamente modificados, este trabajo presenta como objetivo analizar las narrativas sobre el cuerpo y la producción de identidades de niñas en una institución de acogida en la ciudad de Pelotas - RS. Para ello, se utilizaron las narrativas producidas por las niñas moradoras de la Casa das Meninas II. Este trabajo fue construido a partir de un enfoque de los Estudios Culturales, específicamente utilizando la producción de narrativas como metodología. Para ello, el grupo focal sirvió como herramienta para la producción de los datos. En cuanto análisis, fue posible ponderar que las niñas que están institucionalizadas, a cada instante traen un cuerpo orgánico / biológico, pero al mismo tiempo con indicios que él es producido culturalmente, sobre todo, a partir de múltiples identidades que lo atraviesan. Además, fue posible analizar también que las niñas producen sus cuerpos a partir de las más variadas identidades, sobre

¹ Acadêmica do curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande. Bolsista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação da Infância (NEPE); Pelotas; RS; Brasil; E-mail: lory94@gmail.com.

² Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande. Professora Substituta do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande; Pesquisadora do Observatório de Práticas Corporais e Políticas da vida; Rio Grande; RS; Brasil; E-mail: jo_pedagoga@yahoo.com.br.

todo en relación al género, donde ellas reconocen los papeles atribuidos a hombres y mujeres, sin embargo, acaban a veces enmascarando esas formas hegemónicas. En fin, por más que las niñas estén todo el tiempo siendo disciplinadas y controladas en sus rutinas diarias en esta institución, eso no impide que esos cuerpos escapen y produzcan otros sentidos, además de aquellos que son permitidos e institucionalizados.

Palabras claves: Cuerpos, Identidades, Institución de acogida, Niñas.

Abstract

Understanding that the bodies are being produced / educated in host institutions, through the social and cultural relations that the children establish there, this work aims to analyze the narratives about body and the production of identities of girls in a host institution in the city of Pelotas - RS. For that, we used the narratives produced by the girls living in Casa das Meninas II. This work has been constructed from an approach in the Cultural Studies, specifically using the production of narratives as methodology. . For this, the focus group served as a tool for the production of the data. As an analysis, it was possible to consider that the girls who are institutionalized, at all times bring an organic / biological body, but at the same time with indications that it is produced culturally, above all, from multiple identities that cross it. In addition, it was also possible to see that these girls produce their bodies from the most varied identities, especially in relation to gender, where they recognize the roles attributed to men and women, however, they sometimes end up blurring their hegemonic forms. Ultimately, however much girls spend their entire time being disciplined and controlled in their daily routines at this institution, this does not prevent these bodies from escaping and producing other meanings beyond those that are permitted and institutionalized.

Keywords: Bodies; Girls; Identities; Institution; Welcoming.

1. Adentrando a temática

Este texto é parte de um trabalho maior que foi realizado como Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande. Apresenta como objetivo analisar as narrativas sobre corpo e produção de identidades de meninas que residem em uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas – RS. Para tanto, este trabalho surge atravessado a experiências de vida, pela aproximação com uma instituição de acolhimento, por conta do programa Apadrinhamento Afetivo.

É importante investigar como os corpos são produzidos em instituições de acolhimento, pois esses são espaços educativos e disciplinadores, bem como outras instituições que normalmente são pesquisadas, como a escola, o quartel, o hospital, a prisão entre outras.

Segundo Fraga (2000, p. 98):

O corpo é resultado provisório de diversas pedagogias que o conformam em determinadas épocas. É marcado e distinto muito mais pela cultura do que por uma presumível essência natural. Adquire diferentes sentidos no momento em que é investido por um poder regulador que o ajusta em seus menores detalhes, impondo limitações, autorizações e obrigações para além de sua condição fisiológica.

Com base no excerto do autor, é possível reconhecer que os corpos estão sendo pedagogizados constantemente, indiferente dos espaços sociais onde estão inseridos. Com isso, aprendem o modo como devem agir, de que forma andar, sentar, se podem se tatuar,

devem ser magros ou não. Enfim, através dos espaços onde nos inserimos e da cultura que nos atravessa é que são determinadas as formas corretas ou incorretas de ser um corpo.

A partir do exposto, este trabalho torna-se importante por estudar o corpo que está institucionalizado, um corpo que vai além de um olhar biológico, visto como máquina, mas um corpo que é linguagem, ou seja, que fala, sente, que merece ser escutado, pois este é produzido e produz identidades a todo o momento.

Para que tal objetivo seja respondido, esse trabalho está organizado da seguinte maneira: no primeiro momento, será apresentada uma breve fundamentação teórica, abarcando algumas concepções de corpo, identidades e instituições de acolhimento. No segundo momento, estarão sendo apresentados os caminhos metodológicos que permitiram a realização desse trabalho. No terceiro momento, serão trazidas as análises de dados e por fim, no quarto momento, estarão sendo apresentadas as considerações finais, evidenciando principalmente que essa temática não se esgota nesta escrita.

2. Entre corpos, identidades e instituições de acolhimento

Como já dito anteriormente, o corpo não é apenas um aparato biológico, mas algo que também está sendo produzido histórico e socialmente, dotado de uma cultura peculiar, inerente a cada organização, podendo ser de diversas formas. Esses estão, a todo o momento, sendo marcados e modificados a partir das suas diferentes vivências e espaços sociais que circulam. Tudo o que está ao seu entorno, o transforma e é transformado por ele. Desse modo, não é possível vê-lo apenas através de uma visão biológica.

Segundo Goellner (2003, p. 29):

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

Os corpos contam histórias, com variadas possibilidades, sendo condicionadas pela cultura na qual estão inseridos. São educados constantemente em todos os espaços que transitam, dentre eles estão as suas moradias, que neste caso em específico são as instituições de acolhimento. Dependendo dos espaços onde estão colocados, modificam as suas formas de

linguagem, demonstrando ou não seus gostos, desgostos, sentimentos, enfim vão sendo modificados dependendo daquilo que está em seu entorno.

Louro (2007, p. 14) falando sobre as identidades corporais, relata que:

Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por fim, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambiguidades nem inconstâncias. [...] Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente por elas alterados.

Com isso, não há como delimitar um entendimento único sobre identidade. Cada criança e adolescente tem um modo único/ singular de vivenciar o mundo, com diferentes gostos, formas de se manifestar, enfim cada um tem um jeito inigualável e produzem assim, identidades ímpares. As crianças e os adolescentes são construtores de suas culturas. No mundo todo, há diferentes formas de se constituir como sujeitos, não existindo um único modo de ser criança e adolescente. As formas de viver essas fases da vida dependem de diversas variáveis, tais como o meio no qual os sujeitos estão inseridos, as pessoas que estão ao seu entorno, as leis e regras que as circundam.

A partir dessas ideias, é possível ponderar que cada uma das meninas que reside em uma instituição de acolhimento apresenta identidades múltiplas, que vão sendo compostas através das interações com pessoas e lugares onde transitam. Identidades que acabam por serem contidas e educadas, para que assim, dentro destas moradias provisórias, os adultos consigam mantê-las em uma convivência mais harmoniosa, a partir do estabelecimento de regras. Em outras palavras, há uma disciplinarização dos corpos que estão ali acolhidos, educando-os a todo instante, para que as regras não sejam descumpridas.

Há de se considerar que os corpos são produzidos em um processo de socialização e este acontece em todos os espaços onde os sujeitos estão inseridos. Quando a criança e/ou adolescente é retirado da sua família, a qual já tem outra maneira de educar esse corpo, acaba sendo inserido em um abrigo institucional, necessitando de um processo de adaptação para esse espaço, que é desconhecido, com pessoas diferentes, onde existem regras e valores muitas vezes diferentes da sua cultura.

Sendo as instituições de acolhimento, espaços de convívio social, elas precisam ter como base um mínimo de organização e para isso, instauram-se normas que busquem educar os corpos para que todos os sujeitos que dali fazem parte, possam conviver de uma forma que é considerada como correta. Corpos de crianças e adolescentes que, por diversos motivos, passam grande parte de suas vidas dentro destas instituições, apesar do Estatuto da Criança e

do Adolescente (ECA) prever, em seu artigo 19 que as instituições de acolhimento sejam moradias provisórias e que as crianças e adolescentes devem voltar para as suas famílias ou estabelecer um novo núcleo familiar em até 2 (dois) anos. (BRASIL, 1990)

As instituições tornam-se espaços educativos e enquanto tais são disciplinadores e produtores de regras, estando assim a todo o momento produzindo os corpos de meninos e meninas através de valores morais e de conduta, definindo, deste modo, o que é considerado certo ou errado, o que pode ou não ser feito. Sendo espaços disciplinadores, muitas vezes conduzem os corpos para que sejam extremamente obedientes.

Sobre essa ideia, Miranda (2006, p.24) percebe que:

São múltiplas as linguagens relacionadas ao corpo: o corpo vive, transmite, fala, espera, brinca, ensina, aprende, troca, enfim, é importante termos a clareza de que essas linguagens só são desenvolvidas se permitirmos que o corpo ganhe espaço [...] O corpo dos menores nas instituições não é valorizado, muitas vezes sendo aprisionado a regras e determinações dos adultos.

As crianças e/ou adolescentes criam laços afetivos com quem trabalha nessas instituições e com quem está na mesma condição de abrigado. Por conseguinte, seguem regras, regulamentos de convivência, assim como a criação de hábitos, brincadeiras, formas de interagir dentro e fora desses espaços. É importante ressaltar que as crianças estão a todo o momento, aprendendo e ensinando e assim mutuamente se modificando, produzindo os seus corpos, evidenciando que estes não são seres vazios que apenas seguem o que os adultos dizem.

3. Caminhos metodológicos

Este trabalho foi realizado em uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas, que abriga em uma mesma casa, meninos e meninas com idades de 0 a 18 anos. A motivação era realizar uma pesquisa com as crianças e adolescentes e a tentativa de não estabelecer um olhar sobre eles.

A importância de fazer uma pesquisa com as crianças e adolescentes e não sobre eles(as) se dá na tentativa de descentralizar um olhar adultocêntrico. Essa descentralização motivou a realização da pesquisa com as meninas, pois é preciso compreender que a forma de vivenciar o mundo das crianças e adolescentes é diferente a dos adultos, gerando conhecimentos legítimos e com isso, confiáveis.

A partir das ideias produzidas por Delgado e Muller (2005, p. 15)

é necessário compreender a sensibilidade e a imaginação como formas legítimas de conhecimento sobre as questões humanas e sociais nas pesquisas que focalizam as crianças e as suas culturas, a partir das vozes e ações dos grupos infantis, até agora marginalizados ou representados segundo nossas visões “adultocêntricas” das infâncias.

Um trabalho com as crianças e adolescentes precisa levar em consideração que elas apresentam os seus espaços sociais de interação e culturas próprias, nesse sentido, elas tornam-se autores de suas próprias histórias. A partir dessa ideia, esse trabalho foi construído a partir de uma abordagem dos Estudos Culturais.

Os Estudos Culturais foram sendo produzidos através da rejeição de uma ideia hegemônica e considerada como correta de cultura, não as hierarquizando, saindo da ideia de que apenas a dominante seria levada em consideração, deixando de lado o olhar etnocêntrico em que existe uma referência cultural e que tudo que está fora dessa delimitação passa a ser o “outro”, aquilo que não importa ser visto ou estudado dentro da academia. “Percebendo as culturas como composições diversas e igualmente importantes, abre-se um grande leque de possibilidades analíticas.” (COSTA, 2004, p. 13).

Considerando a cultura em que as meninas que fizeram parte deste trabalho estão inseridas, essa investigação aconteceu por meio da produção de narrativas das participantes, pois entende-se que estas merecem ser ouvidas, são sujeitos na sua própria história, além de serem produzidas e produtoras de culturas.

Para Larrosa (1994, p. 48):

Em particular, das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal. Por outro lado, essas histórias estão construídas em relação às histórias que escutamos, que lemos e que, de alguma maneira, nos dizem respeito na medida em que estamos compelidos a produzir nossa história em relação a elas. Por último, essas histórias pessoais que nos constituem estão produzidas e mediadas no interior de práticas sociais mais ou menos institucionalizadas. Para dizer de forma breve, o sentido de quem somos é análogo à construção e à interpretação de um texto narrativo que, como tal, obtém seu significado tanto das relações de intertextualidade que mantém com outros textos como de seu funcionamento pragmático em um contexto.

Para tanto, foram utilizadas algumas características do grupo focal para produzir o diálogo com as meninas. Tal inspiração se deu através do trabalho em grupo, onde eram levadas questões disparadoras.

A partir de Gatti (2005), o grupo focal é produzido através da seleção de participantes que discutem sobre um tema, em que todos(as) devem conhecer ou ter alguma característica em comum. Este grupo envolve atividades coletivas e podem ser utilizados diferentes

artefatos disparadores tais como: revistas, propagandas, desenhos, músicas, filmes, entre outros.

Sobre esse instrumento, Gatti (2005 p.69) pondera que:

A potencialidade mais enfatizada do grupo focal como meio de pesquisa está ligada à possibilidade que ele oferece de trazer um conjunto concentrado de informações de diferentes naturezas (conceitos, ideias, opiniões, sentimentos, preconceitos, ações, valores) para o foco de interesse do pesquisador. Também é enfatizada a confiança nas interações grupais para a produção de dados consistentes. As comparações, os confrontos, as complementações, que os participantes produzem entre si, a partir de suas experiências, são uma fonte sólida para a construção de compreensões sobre a complexidade de formas de pensar, de se comportar, das motivações, das intenções e expectativas, em face de determinados aspectos de uma situação, de um problema, de uma ocorrência, de um serviço, etc.

A temática para o grupo focal realizada com as meninas foi Corpo, e a partir do que elas diziam, emergiu também a temática Identidades. Nesse encontro, as meninas precisaram discutir sobre os seus entendimentos sobre corpo, através de desenhos e após encontrando modelos de corpos em revistas, os quais poderiam se assemelhar aqueles desenhados por elas. Foram utilizados como instrumentos que disparassem a discussão, revistas com diferentes endereçamentos e anos de publicação, folhas de ofício, canetinhas, lápis de cor, giz de cera, cola bastão e tesouras.

A medida que as meninas iam desenhando, pintando e recortando os corpos nas revistas, alguns questionamentos estavam sendo feitos, no sentido de discutir sobre produção dos seus corpos naquela instituição.

Importante salientar que a realização desta pesquisa aconteceu somente após a autorização da Promotoria da Infância e adolescência da cidade de Pelotas, bem como da diretora da Instituição. O encontro aconteceu em uma tarde de sábado e teve duração em torno de 2 horas, tendo a participação voluntária de 4 meninas que residiam na instituição.

4. Corpo e a produção de Identidades das meninas

Durante a conversa e a produção dos desenhos pelas meninas, várias questões foram chamando a atenção. Em um primeiro momento, foi possível identificar que o corpo que todas as meninas estavam desenhando se assemelhava a um corpo biológico. Por vezes, um corpo que é separado da cabeça.

Maria - “Só um corpo? Não pode nem os olhos?”; (1 de julho de 2017).

Camila - “Olha tia, agora eu não tenho corpo, sou só uma cabeça” (Menina escondida atrás de uma parede mostrando somente a cabeça). (1 de julho de 2017).

Apesar desse corpo biológico aparecer nas falas de algumas meninas, foi possível identificar, ao mesmo tempo, a presença de um corpo social e culturalmente produzido. Um corpo que é, o tempo todo, construído socialmente, pois se relaciona com outras pessoas e diferentes artefatos. Esses corpos são atravessados por outras relações e ao mesmo tempo em que este é produzido, é produtor de cultura. Esses corpos são atravessados por outras relações e ao mesmo tempo em que este é produzido, é produtor de cultura.

Um exemplo dessa demonstração de um corpo social e cultural se deu através dos desenhos das meninas, onde todos os corpos estavam vestidos e utilizavam algum artefato cultural, como é possível visualizar na figura 1.

Figura 1- Ilustração sobre corpo feito por uma das meninas.



FONTE: Grupo Focal – 1º de julho de 2017.

É possível ponderar que as meninas reconhecem o corpo como biológico pelas maneiras as quais ele é descrito, por exemplo, na escola, ao longo das aulas de ciências naturais e/ou biologia. Um corpo que é repleto de órgãos e com todo um sistema fisiológico que o faz funcionar.

Segundo Souza (2008, p. 16):

Em geral, quando falamos no corpo humano, partimos de uma visão biologicista para explicar aquilo que acontece com e nele; amparamo-nos na sua fisiologia e anatomia, no seu micro funcionamento e constituição celular e genética. No entanto, ao voltarmos o olhar para a nossa própria história, ou seja, as práticas sociais com as quais fomos nos relacionando desde que nascemos, veremos que o corpo é mais do que “pura” biologia como usualmente pensamos, particularmente quando falamos dele nas aulas relacionadas ao ensino de ciências.

A partir da autora, é possível ponderar que os corpos estão, a todo o momento, sendo marcados e modificados a partir das suas diferentes vivências e espaços sociais onde circulam. Desse modo, não é possível vê-los apenas através de uma visão biológica, mas um corpo que é linguagem, ou seja, que fala, sente, que merece ser escutado, pois este é produzido e produz identidades a todo o momento.

Ainda pensando na ideia desse corpo que é produzido nos mais variados espaços sócio-culturais, a todo instante, através das falas das meninas, elas foram, além de expondo as formas corretas de se ter esses corpos, mostrando ter um olhar disciplinar sobre o corpo do outro. É possível visualizar a ideia da produção de um corpo cultural a partir do diálogo abaixo:

Camila (9 anos): A N (uma menina que é colega de escola) é P-U-T-A, bem piriguete.

Pesquisadora: Por que que ela é piriguete?

Camila (9 anos): Porque ela vai de shortzinho e começa a agachar fazendo que vai amarrar os tênis.

Maria (9 anos): E os guris passam dando sarrapo³ na bunda dela. (1 de julho de 2017).

Esse diálogo trás a ideia de um corpo culturalmente construído, pois ele não é apenas um aparato biológico, mas algo que também está sendo produzido histórico e socialmente, dotado de uma cultura peculiar, inerente a cada organização, podendo ser de diversas formas. Segundo Daolio (1995, p. 24) “qualquer adjetivo que se associe ao corpo é fruto de uma dinâmica cultural particular, e só faz sentido num grupo específico.” Assim, a ideia de ser uma piriguete é uma construção cultural, pois se a cultura em que as meninas estão inseridas não criassem discursos para tais corpos, esses não seriam entendidos assim.

³ Gíria que as meninas usaram que significa espécie de um tapa.

Os corpos contam histórias, com variadas possibilidades, sendo condicionadas pela cultura na qual estão inseridas. São educados constantemente em todos os espaços que transitam, dentre eles estão as suas moradias, que neste caso em específico são as instituições de acolhimento. Dependendo dos espaços onde estão colocados, modificam as suas formas de linguagem, demonstrando ou não seus gostos, desgostos, sentimentos, enfim vão modificando as suas identidades dependendo daquilo que está em seu entorno.

Somos seres produzidos na e pela cultura e as identidades são produzidas a partir das relações estabelecidas nesses espaços. As crianças e os adolescentes são construtores e efeitos de suas culturas, com isso, não há como pensar em um entendimento único sobre identidade. No mundo todo, há diferentes formas de se constituir como sujeitos, não existindo um único modo de ser criança e adolescente.

Ainda no primeiro encontro, dentro da atividade em que as meninas deveriam se desenhar, elas deveriam procurar nas páginas das revistas, imagens que se assemelhassem aos corpos delas. Três, das quatro meninas que participaram procuraram e fizeram tais recortes. Algo relevante de ser ponderado é que apesar de todas as meninas serem negras, apenas uma recortou uma modelo negra, mesmo que a ideia era a de que elas deveriam encontrar imagens semelhantes aos seus corpos.

A seguir, serão apresentadas algumas imagens que as meninas escolheram e que relataram ser semelhante aos seus corpos (Figuras 2 e 3)⁴

Figura 2- Recortes das revistas sobre corpos que identificam as meninas.



FONTE: Grupo Focal – 1º de julho de 2017.

⁴ Os nomes que aparecem nas imagens foram aqueles escolhidos pelas meninas e não os seus nomes verdadeiros.

Figura 3- Recortes das revistas sobre corpos que identificam as meninas.



FONTE: Grupo Focal – 1º de julho de 2017.

Em contrapartida, uma das meninas, folhando as revistas, relatou que não conseguiu identificar nas imagens das revistas nenhum corpo que se assemelhasse ao que ela havia pensado e desenhado. As revistas apresentam fotos de corpos que são produzidos a partir de algumas normas. Em outras palavras, para serem modelos, tais mulheres precisam estar com os seus corpos adequados, ou seja, são mulheres magras, altas e brancas, sendo raras as mulheres negras. Nesse sentido, segue uma suspeita, de que por certos padrões que são instituídos, a menina não encontrou um corpo que se assemelhasse com o que ela havia pensado.

Maria (9 anos): Tia, não achei nenhum que parece com o meu (Falando sobre os recortes dos corpos das revistas). (1 de julho de 2017).

Sobre o conceito de identificação, que faz com que torne possível ou não a identificação da menina na revista, Woodward (2000, p. 18,19) coloca que:

O conceito de identificação tem sido retomado, nos Estudos Culturais [...] para explicar a forte ativação de desejos inconscientes relativamente a pessoas ou a imagens, fazendo com que seja possível nos vermos na imagem ou na personagem apresentada na tela. Diferentes significados são produzidos por diferentes sistemas simbólicos, mas esses significados são contestados e cambiantes. [...] Todas as

práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído.

Além dessas formas de pensar o corpo, a partir dos relatos que as meninas foram trazendo ao longo do encontro, foi possível identificar ainda, no que tange a produção das identidades, que elas reproduzem uma ideia de feminilidade e masculinidade hegemônicas, com papéis bem demarcados/definidos. Em outras palavras, elas compreendem que aos meninos são atribuídas determinadas ações e às meninas, outras.

É possível compreender, a partir dos estudos de Meyer (2003, p. 13) que “gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado”. Em relação a ideia produzida sobre os entendimentos de gênero, que determinam representações diferenciadas para homens e mulheres, Quadrado (2006, p.89) aponta que:

a masculinidade e a feminilidade, ao contrário do que algumas vertentes defendem, não são constituídas propriamente pelas características biológicas, mas são produto de tudo o que se diz ou se representa dessas características.[...] não se trata de negar a materialidade biológica, de negar corpos sexuados a partir dos quais os gêneros se constituem, mas sim de problematizar as representações que justificam através da biologia as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres.

O discurso produzido pela biologia ainda hoje perpassa as questões de gênero, determinando que, por ter uma ou outra genitália, deverão viver de formas diferentes. Alguns traços dessas identidades ficaram marcados nas falas delas, por exemplo na diferenciação que fizeram entre elas e os meninos, porém mesmo fazendo tais diferenciações, como supor que os meninos não poderiam participar da pesquisa por serem “terroristas”, as meninas o tempo todo borram os papéis dessa feminilidade hegemônica, demonstrando que elas apresentam atributos ditos masculinos, como serem bagunceiras, encenqueiras, gostarem de brincar de lutinha e serem líder de gangues.

Através das falas das meninas, é possível perceber que elas entendem que a sociedade é produzida a partir da cultura e que existem papéis que são para os homens e para as mulheres. Entretanto, ao mesmo tempo em que elas trazem esses entendimentos, elas borram essas fronteiras, ultrapassando aquilo que definem como sendo atributos de menino e de menina.

Tais ideias podem ser elucidadas a partir das duas sequencias abaixo:

Camila (9 anos): Eu sou a mais bagunceira lá do colégio, vivo me encrencando com as piriguetes. Eu botei uma colega minha no hospital, porque eu quebrei a perna dela, eu e os guris estavam brincando de lutinha, e só os meninos brincam de lutinha comigo, ai ela veio e torceu o braço do meu amigo e eu peguei a perna dela coloquei em cima da minha e bati assim, ai fez “clac”, e o meu colega que levou toda a culpa, e foi suspenso da escola, mas ele nem fez nada, só riu da cara dela, mas ela não respeitou a mim, eu sempre brigo com as piriguetes. (1 de julho de 2017).

Camila (9 anos): Eu tenho uma gangue lá na minha escola.

Pesquisadora: Tu tem uma gangue?

Camila (9 anos): Sou eu quem mando

Michele (13 anos): Tu tens uma gangue só porque eu te falei que eu tenho?

Camila (9 anos): Não. Eu tenho desde o primeiro ano minha querida, não sei se tu sabe? E eu sou a líder da gangue

Maria (9 anos): Mentiraaa!

Pesquisadora: Por que vocês tem gangue no colégio?

Maria (9 anos): Eu não tenho gangue

Camila (9 anos): Pra bater nas pessoas que enchem o saco

Michele (13 anos): Eu não tenho gangue na escola, tenho no Bom Jesus (Bairro de Pelotas), mas agora que eu to aqui dentro, não posso mais falar com as gurias. (1 de julho de 2017).

Sobre os papéis de feminilidades e masculinidades hegemônicas, Oliveira (2012, p. 63) aponta que:

a existência de padrões históricos hegemônicos que tradicionalmente associam o masculino ao uso de agressões físicas e ao exercício da autoridade e que criam a expectativa do homem enquanto possuidor de um roteiro performatizado em que as suas socializações passarão pelo exercício de ações agressivas que contribuam para a afirmação de sua capacidade de desafiar e enfrentar. Por outro lado, da mulher, aquela possuidora de uma natureza essencialmente suave e meiga, é esperada uma expressão afetiva que excluiria manifestações de raiva, revolta ou uso da violência contra os demais. Um binarismo que contrapõe —homens violentos e —mulheres não violentas [...] e que reproduz estereótipos, negligenciando a fluidez como possibilidade de característica identitária.

É possível perceber que ao mesmo tempo em que as meninas demonstraram ultrapassar essas barreiras que determinam o que seriam coisas de meninos e de meninas, algumas delas dizem que gostariam de serem modelos ou atrizes, mostrando que os corpos

que estavam nas revistas eram os ideais. Uma das meninas inclusive se identifica corporalmente com as modelos, assim sonhando em seguir tais profissões.

Michele (13 anos): Tia, quando eu crescer quero ser modelo ou atriz.

Pesquisadora: Que legal, tu gostas dessas profissões, por que tu quer ser modelo ou atriz?

Michele (13 anos): Porque elas são tipo a mulher ideal, mas eu acho que eu não tenho altura para ser modelo, assim da passarela né, aí eu quero ser aquelas outras que só tiram foto. Eu não sei bem o nome!

Pesquisadora: Tu queres ser modelo fotográfica então, é isso?

Michele (13 anos): Isso tia, porque eu sou assim bem magrinha, que nem as mulher das fotos. (1 de julho de 2017).

No diálogo construído com a menina, a mesma demonstrava, ao folhear uma revista, que existe um padrão de corpo ideal para ser modelo e que ela foge de algumas dessas características, sendo possível ser apenas outra forma de seguir tal profissão. Tal fato trás a ideia de que existem normas para que os corpos consigam chegar a um padrão, nesse caso, de uma beleza que é dita como o ideal.

A partir dessas ideias, é possível ponderar que cada uma das meninas que reside na instituição apresenta identidades múltiplas, que vão sendo compostas através das interações com diversos artefatos, com pessoas e espaços onde estas transitam.

Sobre as identidades, Louro (2007, p. 6) afirma que:

É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais [...]. Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias. Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes.

Com tudo que foi dito, podemos ponderar que as identidades não são construídas aleatoriamente, mas produzidas em um corpo, nesse caso, os das meninas. As identidades são produzidas a partir de formas múltiplas e transitórias, dependendo da cultura e dos espaços sociais onde estas meninas estão inseridas.

5. Algumas considerações

Este trabalho teve como objetivo analisar as narrativas sobre corpo e produção de identidades de meninas em uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas – RS. A pesquisa foi realizada com as meninas que residem nesse espaço, pois é possível perceber que existem investimentos diferentes realizados em seus corpos, em comparação ao dos meninos.

Percebo o quanto as instituições de acolhimento buscam educar as crianças e adolescentes tanto quanto outros espaços educativos, como as escolas, as igrejas ou as próprias famílias. Esse acontecimento faz com que as meninas que lá residem, tenham em seus corpos definições sociais que determinam um padrão de como é ser mulher e os papéis que elas devem exercer. Em outras palavras, dentro da instituição, a todo o momento investe-se nestes corpos, buscando disciplinar por meio de regras criadas.

Durante as análises, foi possível identificar que apesar das meninas entenderem os corpos como biológicos, a todo instante era trazido um viés social e cultural desses corpos, sobretudo no que diz respeito às múltiplas identidades que produzem. As construções identitárias são produzidas sobre os corpos das meninas, levando em consideração a cultura em que elas estão inseridas.

Enfim, ao realizar essa pesquisa com as meninas foi possível perceber o quanto é potente estudar a produção de seus corpos e suas identidades dentro dessa instituição, pois por mais que elas estejam o tempo inteiro sendo disciplinadas e controladas em suas rotinas diárias, através de conselhos/orientações encaminhadas pelas educadoras, isso não impede que esses corpos escapem e produzam outros sentidos, para além daqueles que são permitidos e institucionalizados.

Referências

BRASIL. *Lei nº 8.069* de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais—para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, Marisa Vorraber. *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema.*- 2.ed. Porto Alegre (RS): Ed. da UFRGS, p. 13-36, 2004.

DAOLIO, Jocimar. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. In: *Movimento*, v. 2, n. 2, 1995. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2184/902>, acesso em outubro de 2017.

FRAGA, Alex Branco. *Corpo, identidade e bom-mocismo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

GATTI, Bernardete Angelina. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. *In: Série Pesquisa em Educação*. Líber Livro, 2005.

GOELLNER, Silvana. A produção cultural do corpo. *In: LOURO, Guacira, NECKEL, Jane e GOELLNER, Silvana. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. *In: SILVA, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed., 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política, *In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MIRANDA, Rosana Torma. O corpo nas instituições de abrigo. *Trabalho de Conclusão de Curso* (Especialização) Educação Física escolar. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.

OLIVEIRA, Luciana Maria Ribeiro de. Crime é “coisa de mulher”: Identidades de gênero e identificações com a prática de crimes em posição de liderança entre mulheres jovens na cidade de Recife/PE. *Tese* (doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2012.

QUADRADO, Raquel Pereira. Adolescentes: corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo. *Dissertação* (mestrado em Educação Ambiental). Universidade Federal do Rio Grande: Rio Grande, 2006.

SOUZA, Nádia Geisa Silveira. O corpo: incrições do campo biológico e do cotidiano. *In: Educação & Realidade*, v. 30, n. 1, 2005. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/23017/13299>, acesso em outubro de 2017.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In: SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.